

# MEMÓRIA COLETIVA E O TRIANON: DO BELVEDERE AO MASP

*Data de submissão: 23/08/2024*

*Data de aceite: 01/11/2024*

**Bianca Molina Reis**

**Aline Nassaralla Regino**

**RESUMO:** Esta pesquisa visa explicar e exemplificar a definição de memória coletiva em espaços urbanos, seguindo a definição de Maurice Halbwachs (1968). Para alcançar tal objetivo, será analisado o terreno de número 1578 da Avenida Paulista, onde está localizado o Museu de Arte de São Paulo (MASP), comentando sua história a fim de observar suas mudanças físicas e sociais ao longo das décadas de 1910 a 2000.

**PALAVRAS-CHAVE:** memória; belvedere; masp; espaço urbano.

**ABSTRACT:** This research aims to explain and exemplify the definition of collective memory in urban spaces, following the definition of Maurice Halbwachs. For this purpose, it will use the site number 1578 in São Paulo, where the MASP is located, commenting on its history in order to observe its physical and social changes over the decades of 1910 to 2000.

**KEYWORDS:** memory; belvedere; masp;

urban spaces.

## 1 | INTRODUÇÃO

Assim como a cidade é um organismo vivo, que se altera, criando diversas maneiras de vivenciar seu espaço, as memórias também se reformulam com o tempo, adquirindo novas características a cada geração. Sua relevância, porém, continua na comunidade local.

A definição para o conceito de “memória coletiva” tem sido proposta por diversos autores, com suas variadas referências teóricas. Esse projeto visa discutir tal conceito junto ao espaço físico, especificamente no terreno do Museu de Arte de São Paulo (MASP, 1968), desde o Belvedere, construído em 1910, passando pelo momento em que foi ocupado pela Bienal Internacional de São Paulo (Museu de Arte Moderna, 1951).

Este terreno possui as características necessárias, definidas por Maurice Halbwachs (1968) para realizar esta relação entre memória coletiva e espaço urbano, sendo elas: a relevância

do local na cidade, que desde sua inauguração serviu como área de convergência e observação; seu uso público inalterado, do Belvedere ao MASP. De acordo com Lucas Mascarenhas de Miranda (2019, n.p.): “Quando há uma lembrança que foi vivida por uma pessoa – ou repassada para ela – e que diz respeito a uma comunidade, ou grupo, essa lembrança vai se tornando um patrimônio daquela comunidade”

Para entender como essa memória foi criada e reformulada com o passar do tempo, esses espaços edificadas no terreno mencionado foram reconstruídos, com o objetivo de resgatar e debater como cada geração observava e vivenciava aquele lugar, estabelecendo relações de maneira visual.

Por se tratar de um debate amplo, devemos começar entendendo as divisões do conceito de memória coletiva, mesmo que sucintamente, para depois abordar, separadamente, a história e as vivências ocorridas em cada edifício. No final deste artigo, são estabelecidas relações entre as vivências com a memória coletiva em espaços urbanos utilizando-se do lugar estudado e reconstruído virtualmente.

## 2 | MEMÓRIA COLETIVA

Ao longo do século XX, diversos teóricos discutiram a definição de memória. Nesta pesquisa iremos abordar este conceito usando como base o discurso do sociólogo francês Maurice Halbwachs (1968), que buscou compreender como esse fenômeno ocorre na forma individual ou coletiva. Simultaneamente, usaremos alguns estudos do historiador Pierre Nora (1993), especialmente aquele em que o autor classificou os lugares da memória, que podem se dar em localizações geograficamente concretas ou intelectualmente construídas.

No livro intitulado *A memória coletiva*, escrito em 1968, Maurice Halbwachs explica este conceito a partir de sua divisão em três ideias principais: a memória e a história; a memória e o tempo; e, a memória e o espaço. No que se refere a definição do conceito em si, o autor esclarece que o mesmo se forma a partir de lugares e interações sociais, ou seja, o indivíduo, que nunca está completamente isolado, quando se recorda de algo, sempre possui um ponto de referência no mundo exterior (HALBWACHS, 1990).

A principal definição apresentada pelo autor é que a memória coletiva se forma a partir de lugares e interações sociais, ou seja, o indivíduo, que nunca está completamente isolado, quando se recorda de algo, sempre possui um ponto de referência no mundo exterior.

Não basta reconstituir pedaço por pedaço a imagem de um acontecimento passado para obter uma lembrança. É preciso que esta reconstituição funcione a partir de dados ou de noções comuns que estejam em nosso espírito e também no dos outros, porque elas estão sempre passando destes para aqueles e vice-versa, o que será possível se somente tiverem feito e continuarem fazendo parte de uma mesma sociedade, de um mesmo grupo (HALBWACHS, 1990, p. 39).

Em uma sociedade a memória coletiva se constrói com um conjunto de memórias individuais, cada pessoa possuindo seu ponto de vista, mas sempre compartilhando pelo menos uma referência em comum, o lugar.

[...] lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isso acontece porque jamais estamos sós (HALBWACHS, 1990, p. 30).

Para exemplificar usaremos um dos objetos desta pesquisa, o Museu de Arte de São Paulo. Digamos que duas pessoas se encontrem no vão livre situado abaixo do edifício. Na memória individual, uma delas pode se recordar de um momento feliz, como por exemplo, reencontrar um antigo amigo, mas a outra pode ter sido furtada no local. Estes são seus pontos de vista, mas possuem a referência exterior em comum, a localização, o vão livre do MASP.

Este exemplo encontra relação direta com a definição estabelecida por Pierre Nora (1993), que também faz esta correlação entre convívio e espaço.

Mesmo um lugar de aparência puramente material, como um depósito de arquivos, só é lugar de memória se a imaginação o investe de aura simbólica. Mesmo um lugar puramente funcional, como um manual de aula, um testamento, uma associação de antigos combatentes, só entra na categoria se for objeto de um ritual. [...] É material por seu conteúdo demográfico; funcional por hipótese, pois garante ao mesmo tempo a cristalização da lembrança e sua transmissão; mas simbólica por definição visto que caracteriza por um acontecimento ou uma experiência vivida por pequeno número uma maioria que deles não participou. (NORA, 1993, p. 25).

Pode-se concluir então que a memória é resultado de um processo coletivo inserido em um contexto específico. Isto acontece na medida em que o indivíduo está sempre sujeito a uma localização, o que se comprova quando pessoas conseguem juntar suas lembranças e descrever com muita exatidão fatos, objetos e locais, mesmo jamais tendo interagido uma com as outras.

A discussão de Maurice Halbwachs (1968) também levantou a distinção entre memória coletiva e história. Ele coloca como principal diferença a continuidade das lembranças. Para o autor, a apresentação da história é descontínua, pois divide os fatos, ou tempo, em segmentos como séculos e décadas, por conta da necessidade de ensino em esquema. Na memória coletiva esta interrupção não acontece, pois possui um fluxo de pensamento contínuo e a consciência do acontecimento não vai além do grupo envolvido. Além disso, apresenta um conjunto de experiências individuais, ao contrário da história, que se apresenta de forma única.

A história pode se apresentar como a memória universal da espécie humana. Contudo, não existe nenhuma memória universal. Toda memória coletiva tem como suporte um grupo limitado no tempo e no espaço (HALBWACHS, 1990, p. 106).

O tempo e espaço mencionados na citação são formados por uma relação entre o passado e o presente. A lembrança de um acontecimento com uma perspectiva atual gera uma ressignificação do mesmo, isto se caracteriza pela continuidade de pensamentos, ou seja, as memórias do passado sempre serão lembradas pelo grupo atual que as contém. De acordo com Halbwachs (1990, p. 90): “As divisões do tempo, a duração das partes assim fixadas, resultam de convenções e costumes, e por que exprimem também a ordem, inelutável, segundo a qual se sucedem as diversas etapas da vida social”.

A partir do arcabouço teórico exposto é possível notar que o elemento decisivo para a criação de uma memória coletiva é o lugar. Por esse motivo a Avenida Paulista, com foco no terreno de número 1578, será utilizada como objeto desse estudo. Para tanto, iniciaremos o entendimento deste lugar a partir do estudo da primeira edificação que ocupou tal lugar: o Belvedere e seguiremos até a construção do MASP – edifício simbólico que lá se encontra até os dias de hoje.

### 3 | DO BELVEDERE AO MASP

#### O Belvedere

Com seu mirante e terraços panorâmicos, o Belvedere do Trianon, também conhecido na época como “Miradouro da Avenida” ou apenas o “Belvedere da Avenida”, foi inaugurado em 12 de junho de 1916. O projeto arquitetônico, assinado pelo conceituado escritório de Ramos de Azevedo, conferiu ao terreno pela primeira vez grande destaque na cidade, fato este que o transformou no local de encontro daqueles com maior poder aquisitivo da sociedade paulista.

Hoje, as 20 horas e meia, o Sr. prefeito da capital fará entrega ao público da esplanada do “Belvedere” da Avenida Paulista. Devem assistir ao acto, para o qual foram convidados, o Sr. presidente do Estafó, secretários do governo, vereadores e outras pessoas de representação. Depois disso, serão inaugurados igualmente o “Salão Trianon” e as dependências do pavimento térreo da esplanada, festa para a qual recebemos convite (O Estado de São Paulo, edição de 12/6/1916).

A partir do momento em que suas portas foram abertas, configurou-se como um espaço construído para encontros sociais, portanto as memórias coletivas se formaram a partir das vivências naquele local. Podemos notar a construção dessas memórias, conforme as atividades entraram no cotidiano das pessoas, sendo essas principalmente os requintados chás da tarde, chamados de “*five o'clock tea*”, concertos, “soirées” e bailes<sup>1</sup>.

A ocupação do Belvedere esteve associada aos eventos da elite paulista por apenas quatro anos, pois a crise cafeeira ocorrida no final da década de 1920, e o desenvolvimento urbano da Avenida Paulista provocaram mudanças no público que usava aquele espaço.

---

1 Mencionados no jornal Estadão dos dias, 16/12/1916 página 17; 28/04/1918, página 5; 19/08/1916, página 2.

Alteraram-se, portanto, as novas funções sociais exercidas por aquele edifício.

O espaço externo se transformou em um destino turístico, um ponto de referência na cidade, atraindo pessoas com interesses diversos; enquanto nos salões internos ainda aconteciam os eventos mais “requintados”, tais como a academia de Dança que ocupava o salão inferior, comandada pela Sra. Poças Leitão, que era responsável pelas aulas de arte e etiqueta na Academia Des Oiseaux. Originou uma polarização de público, o interno *versus* externo, ou melhor, o turístico *versus* o privado.

No início da década de 1920, a imagem associada à “Avenida Paulista” ou ao “Belvedere Trianon”, remetia ao bairro elegante da alta sociedade repleto de aristocráticas e belas residências. Esse “cenário mental” se alterou, na década seguinte, para um lugar entendido como palco social paulista. Ao se transformar em um espaço de uso público, um centro de vivências e cultura aquele lugar passou a estabelecer relações e criar uma sensação de pertencimento para a população paulistana, pois se tornou um ponto de encontro para eventos comunitários.

O início do campeonato interno do Brasil esporte clube, o torneio 'Initium' o campeonato interno de ciclismo do Brasil esporte clube... Percurso São Paulo – Rio. A saída se dará na Avenida Paulista, em frente ao Trianon (Folha de S. Paulo, edição de 12/7/1925).

Ao relacionarmos a alteração de uso e público do Belvedere com as constatações elaboradas por Halbwachs (1968) e Nora (1993), previamente expostas, podemos compreender que memórias foram construídas dentro da estrutura de grupos privados, ou seja, da chamada elite paulistana na época, mas só atingiram o nível coletivo quando um maior volume de pessoas participou daquele espaço, ou seja, quando a sociedade compartilha o mesmo “cenário mental” do Belvedere.

A memória coletiva, portanto, acompanhou essa mudança da descrição mental daquele local, se adaptou a novas imagens, se acomodou aos fatos, às crenças e às necessidades daquela época.



Figura 1: O Trianon como palco de manifestações populares contra o príncipe Aimone.

Fonte: O Estadão – 1920

Mas com surpresa, vejo o querido artista sorrir, muito satisfeito da vida, e declarar que o Trianon vive repleto de público, que os negócios vão muito bem, que a temporada se anuncia ótima e que em 3 de outubro estará em São Paulo... – (Folha, edição de 7 de abril 1931).

Em meados da década de 1940, outra mudança no uso do terreno começou a se delinear, pois a arquitetura vinculada ao Movimento Moderno começou a ser amplamente divulgada e aceita pela sociedade paulistana. Este fato implicou na não aceitação de construções outrora compreendidas como representativas da sociedade, caso esse do Belvedere que passou a ser mau visto pela população, entendido como símbolo de uma elite decadente.

Naquele momento, apesar do edifício permanecer com seu uso restrito aos bailes a fantasia de clubes, reuniões, convenções e festas privadas gerais, foi gradativamente deixando de ser frequentado. É curioso perceber que a relação havia se invertido – não era mais o espaço que excluía determinadas classes sociais pelo seu não pertencimento; foi a sociedade quem excluiu aquele lugar por entendê-lo como um símbolo de um passado que não mais existia. Percebe-se, portanto, a importância do cenário mental coletivo, pois é este que cria o senso de representatividade, que interfere no uso daquele local.

Com o Belvedere Trianon remetendo a tempos já ultrapassados, decidiu-se então realizar um baile de despedida do local que foi carinhosamente nomeado de “O triunfo do mal gosto”. Realizado em 11 de fevereiro de 1950, apresentado como “o ridículo passado mais próximo, em que senhoras de idade poderiam criar suas fantasias de maciça dose de mal gosto e brilhar na despedida do Trianon” (Folha, edição 24 de janeiro 1950, p. 6).

Baile que preste, só no Trianon! ... e agora depois de anos e anos em esquecimento vem a notícia: A prefeitura vai reformar o Trianon. **Os velhos salões onde tanta mocidade evoluiu em foxes, em valsa, em sambas... vai servir para agrupamentos políticos.** (Folha, edição de 24 de janeiro de 1950 – grifo nosso).

Mesmo com todas as polêmicas e seu pouco uso, a importância adquirida por aquele terreno frente à sociedade paulistana nunca foi esquecida ou subestimada. Havia sido criada uma memória coletiva

No entanto a decadência do Belvedere se intensificou com a falta de incentivo financeiro para sua conservação. Sem ser compreendido como um lugar de importância para a população paulistana, foi demolido em 1951.



Figura 2: A demolição do Belvedere.

Fonte: Acervo Estadão



Figura 3: A demolição do Belvedere.

Fonte: Acervo Estadão

## Bienal

Após a demolição do Belvedere, o terreno de localização estratégica e de grande influência na cidade, recebe grande interesse para assumir a construção do MAM, mas é cercado de polêmicas para sua autorização, amplamente verificadas no livro de Daniele Pisane “o Trianon do MAM ao MASP” (2019).



Figura 4: Anúncio da Bienal.

Acervo Folha – edição 8 de maio de 1951.

**[...] A conservação daquele espaço, nos pareceu tão importante quanto o próprio edifício.** A afluência do público ao local virá de encontro das altas finalidades do empreendimento, estimulando sempre mais e mais, o interesse da nossa gente pelas cousas de arte, pelas manifestações de espírito. [...]. (Carta de Belluci de 16 de maio de 1952, encontra-se em FCSP, Caixa no 191, Protocolo no 999, 1952).

Em particular, estamos vendo que as grandes estratégias para construir a sede definitiva do MAM no terreno do Trianon precedem qualquer escolha relativa ao Pavilhão da I Bienal. [...] isto é, **escolhe o terreno mais oportuno para construir a sede definitiva e, nesse meio tempo, nele estabelece uma sede provisória.** [...] (PISANE, 2019. p. 57 – grifo nosso).

No meio deste embate para concessão do local, a Bienal apresentou-se, mesmo que temporariamente, como uma solução para o problema. Herdando a importância que o Belvedere deu ao terreno, incorporou a linguagem arquitetônica entendida como correta para aquele momento, conciliando assim a imagem de uma cidade progressista com um evento de relevância internacional, pois até então existia apenas a Bienal de Veneza. Além disso, apresentou-se de maneira estratégica como meio oportuno de “garantir” a ocupação adequada e estabeleceu uma “sede provisória” ao que posteriormente teria se chamado Palácio das Artes.



Figura 5: Construção do pavilhão para a 1ª Bienal Internacional de Arte, 1951.

Fonte: Acervo Bienal

A I Bienal Internacional de Arte, realizada pelo Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), no ano de 1951 entre os dias 20 de outubro e 23 de dezembro foi sediada em São Paulo, contou com 1.854 obras, representando 23 países. Idealizada por Ciccillo Matarazzo, a Bienal colocou o Brasil no cenário internacional dos grandes eventos artísticos.

## I BIENAL DE SÃO PAULO

O Museu de Arte Moderna de São Paulo, participa a seus socios que a inauguração da I Bienal de São Paulo, se realizará às 16 horas de hoje.

Os artistas expositores poderão entrar no recinto da Bienal das 15 às 15 h 30, mediante apresentação da carteira de expositor, a fim de ali aguardarem o ato inaugural.

Ao ato inaugural só se assistirá mediante apresentação do convite especial expedido pela comissão competente.

A partir das 17 h 30, a visitação será franqueada exclusivamente aos socios do Museu de Arte Moderna, cuja entrada se fará mediante a simples apresentação da carteira social com o talão do mês corrente. Por especial concessão do Jockey Club de São Paulo, amanhã, os socios do Museu terão franqueada a entrada às arquibancadas sociais do Hipodromo de Cidade Jardim, onde se disputará o Premio Bienal de São Paulo.

As bilheterias da Bienal, serão abertas ao publico, às 20 horas de hoje. A partir de amanhã, a Bienal estará aberta de 15 às 22 horas.

Figura 6: A divulgação da Inauguração da I Bienal.

Fonte: Acervo Folha – 20 outubro 1951

## SÃO PAULO PROJETAR-SE-Á NO MUNDO COMO O CENTRO ARTÍSTICO DO CONTINENTE AMERICANO

Figura 7: Matéria da Folha de São Paulo.

Fonte: Acervo Folha – edição 29 de abril de 1951



Figura 8: Fachada do pavilhão da 1ª Bienal.

Fonte: Foto Hans Gunter Flieg, 1951 [Acervo Instituto Moreira Salles]

O cenário mental da população escolheu o edifício localizado no terreno de número 1578 da Avenida Paulista, a I Bienal para representar a expressão artista modernista na arquitetura, com isso a afirmação da cultura na metrópole paulista foi constituída.

São Paulo, portanto, começou a ser entendida como o núcleo artístico do país, pois recebeu uma exposição internacional, com diversos artistas modernistas, de renome nacional e internacional, sendo vista como a única expressão artística plausível de aceitação, foi acolhida com orgulho pela população.

O espaço que já era significativo para a memória coletiva, a partir do momento que se consolida essa “honraria” de receber este evento, se preservou, ainda mais, na memória da sociedade como “local de grande importância”, agora com mais ênfase, pois se encontrava menos exclusivista.

Chovia intensamente no dia da inauguração da I Bienal, molhando igualmente, enquanto os portões não se abriam, **os diplomatas e suas esposas e os mais humildes representantes do povo, todos imanados no mesmo interesse pela arte no Mundo, pela primeira vez representado daquela maneira em São Paulo.** Artistas protestaram em 1951 (O Estado de São Paulo, 1967, p. 9 – grifo nosso).

Assim, a Bienal se apresentou duplamente significativa para a época, pois além da importância que o próprio edifício carrega, ela também apresenta a maior expressão sentimentalista humana, a arte. A carga emocional trazida pelas exposições que aconteciam no local reforçou o sentimento de representatividade paulistana. As exposições, com suas quase duas mil obras, tiveram grande repercussão no circuito artístico mundial.

Por sua própria definição a Bienal deveria cumprir duas tarefas principais: colocar a arte moderna do Brasil, não em simples confronto, mas em vivo contato com a arte do resto do mundo, ao mesmo tempo que para São Paulo se buscaria conquistar a posição de centro artístico mundial. Era inevitável a referência a Veneza; longe de fugir-se a ela, procurou-se tê-la como lição digna de estudo e, também, como um estímulo encorajador. (MACHADO, 1951, p.14-15).

Com o cruzamento de ideias, pontos de vistas e recebendo em torno de 70.000 a 100.000 visitantes<sup>2</sup> a Bienal, como ambiente, instigou ainda mais a criação de memórias coletivas, mesmo que em pouco tempo.

A I Bienal fechou a suas portas no dia 23 de dezembro de 1951 e o pavilhão, por ser provisório, perdeu rapidamente sua importância. Iniciou-se então, um novo embate para o uso do terreno, agora imensamente visado. O Museu de Arte Moderna (MAM) e o Museu de arte de São Paulo (MASP), José Augusto Bellucci, Affonso Eduardo Reidy, Oscar Niemeyer e Lina Bo Bardi, deram início a suas propostas.

## O MASP

Após a demolição do pavilhão, o terreno ficou sem ocupação pelos próximos sete anos. O MAM, que planejava-se ser construído logo após o fim da Bienal, encontrou diversos obstáculos para sua autorização<sup>3</sup>, deixando de lado propostas dadas por José Augusto Bellucci, Affonso Eduardo Reidy, e até mesmo Oscar Niemeyer.

É preciso ressaltar que, apesar de nunca ter sido observado, nos anos que se passam entre a tentativa fracassada do MAM (1952) e a bem-sucedida do MASP (1959-1960) **o terreno nunca deixa de despertar interesse**. (PISANE, 2019, p. 154. – grifo nosso).

Após quase uma década sem atividades no local, as memórias ali criadas foram mudando, ficando menos vívidas no cenário mental popular, já a população que vivenciou o espaço não era mais a mesma<sup>4</sup>, o terreno precisava de um edifício significativo para receber de volta sua importância na cidade.

---

2 MIRANDA, José Tavares de. 100 mil pessoas visitaram a I Bienal. Folha da Noite, São Paulo, 24 dez. 1951, p. 3.

3 Amplamente discutido no livro de Daniele Pisana – do MAM ao MASP; mas não sendo objeto de discussão desta pesquisa.

4 Discussão sobre a mudança da memória com o passar do tempo, apresentada anteriormente.

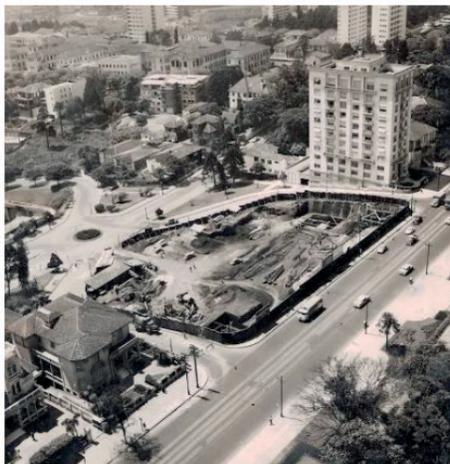


Figura 9. O terreno 1578 da avenida paulista após a demolição do pavilhão da I Bienal

Fonte: Luiz Hossaka – Arquivo da Biblioteca e centro de documentação do MASP

A concepção do MASP, se apresenta como ótimo exemplo para entender que a memória coletiva não deve ser colocada como sinônima de fatos, já que esta se propagada, normalmente, de maneira verbal e pode perder ou incorporar acontecimentos com o passar do tempo.

Desmitifiquemos então dois importantes mitos acerca da construção do MASP, sendo eles, que era de obrigatoriedade para a concessão do terreno deixar livre a vista do Anhangabaú e que aconteceu um embate direito entre o MAM e o MASP para o uso do terreno.

A primeira surgiu em forma de boato, a partir de uma constatação de Pietro Maria Bardi, quando este foi questionado sobre a recusa do projeto de Affonso Eduardo Reidy, afirmando que o projeto não apresentava a imposição de deixar a vista do vale livre.

Pietro Maria Bardi, como veremos, afirmaria que **a não aceitação do projeto de Reidy deveu-se justamente à falta de conhecimento de tal condição.** Tanto Beck quanto Niemeyer, e tanto Bellucci quanto Reidy estão, porém, conscientes da necessidade de permitir a vista panorâmica a partir do Trianon (**não, porém por uma imposição legal, vinculada à doação do terreno**) [...] se isso acrescentarmos que nenhum dos dois projetos chegará a ser submetido às autoridades para ser aprovado e, portanto, nem poderá ser recusado, **somos obrigados a admitir que as palavras de Bardi são curiosamente enganosas.** (PISANE, 2019. p. 75 – grifo nosso).

A segunda se apresenta como enganosa pois o MASP entra como proposta somente após sete anos da tentativa frustrada de concessão dos demais projetos. O MAM já havia sido colocado como inviável e a prefeitura estava planejando instalar no local um jardim público, com salas inferiores para conferências próprias<sup>5</sup>. Neste meio tempo, opta-se pela

<sup>5</sup> PISANE, do MAM ao MASP. Página 154, pela folha da manhã do dia 12/12/1952, caderno economia e finanças, p. 8.

proposta de Lina Bo Bardi.



Figura 10. Rainha Elizabeth II na inauguração do MASP.

Fonte: Acervo Estádio

Com sua concepção terminada em 1957, foi inaugurado em 07/11/1968 o MASP. O projeto de Lina Bo Bardi representou de forma exemplar a arquitetura moderna na América do Sul, e foi, para a época, um grande desafio arquitetônico e estrutural. Teve facilidade para obter a aceitação popular, pois a expressão modernista já havia sido apresentada e acolhida durante a Bienal, e desde sua inauguração serviu como grande representatividade paulistana<sup>6</sup>. De acordo com Daniele Pisane (2019, p. 168): “O de Lina é tido como melhor porque oferece espaços mais generosos; o da prefeitura, segundo técnicos, tem como qualidade um uso menos intensivo do espaço a disposição”.

Caso o projeto de Lina, fosse aprovado sem a consideração da vista do vale do Anhangabaú, o terreno e edifício, muito provavelmente, iriam se mesclar com seu entorno e passariam despercebidos pela população, podendo perder toda a construção do cenário mental desenvolvido pela sociedade naquele local.

Uma das razões pelas quais o júri prefere o projeto de Reidy é sua menor altura; o principal defeito atribuído ao projeto de Bellucci é, ao contrário, ser **“uma grande cortina que sem dúvida vai tirar o característico da pequena praça e se confundirá com a massa dos prédios que futuramente erguer-se-ão na Avenida Paulista”**. (PISANE, 2019, p. 74 – grifo nosso).

As mudanças da Avenida Paulista também influenciaram na importância que o MASP possui hoje perante a sociedade. Eventos como a paulista aberta ou até mesmo a abertura de outros centros culturais nas suas proximidades, trouxeram ainda mais interações no local, dando assim mais visibilidade para o espaço, que contribui para a criação de memórias coletivas da população.

---

E citação tirada do SIMPROC, processo nº 0.107.701/52.

<sup>6</sup> Percebe-se por ser o local escolhido para a apresentação popular da Rainha Elizabeth II, Juntando a data de sua visita ao Brasil para a inauguração do museu.

Porém, a construção destas memórias ainda se encontra na atualidade, portanto, a discussão sobre seus cenários mentais não pode ser completamente concluída, uma vez que estes se encontram em reformulação.

#### 4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

O tempo presente é consequência dos tempos passados e um não caminha sem o outro, já que o passado só pode viver por meio das memórias. Maurice Halbwachs (1968) menciona que a memória de uma sociedade se estende até onde o grupo que a contém permanece vivo, por conta disto é tão comum o esquecimento de acontecimentos e figuras, pois as lembranças desaparecem junto com os indivíduos, exceto quando há uma natureza material que interfere neste processo.

A imagem do meio exterior e das relações estáveis que matem consigo passa o primeiro plano da ideia que faz de si mesmo. [...] A imagem das coisas participa na inércia destas. Não é o indivíduo isolado, mas o indivíduo como membro do grupo, é o próprio grupo que, desta maneira, permanece submetido a influência da natureza material e participa de seu equilíbrio. (HALBAWCHS, 1990, p. 133)

O espaço físico mantém a importância de um lugar na memória da comunidade. Quando se tem o material, o cenário mental construído no espaço é dificilmente esquecido, já que acontece uma relembração dos eventos a cada visita ao local. Um exemplo desta situação se dá com as fotografias. Quando tiramos uma foto é porque queremos nos certificar que lembraremos vividamente de algum acontecimento, isso ocorre quando revemos a foto e a lembrança do ocorrido surge automaticamente. Neste caso, a fotografia é muito visível e significativa, por se tratar de edifícios amplamente visitados e documentados em suas respectivas épocas.

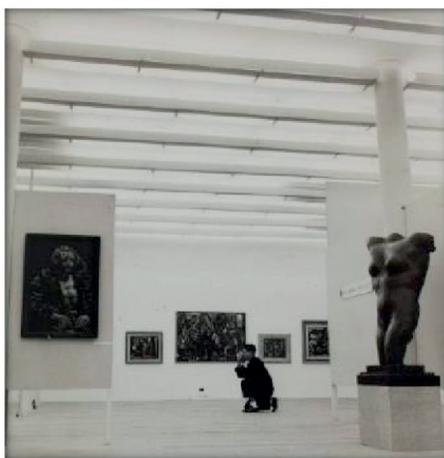


Figura 11. Fotografia registra a 1 Bienal.  
Fonte: Acervo Fundação Bienal São Paulo.

Por que nos apegamos a objetos? Por que desejamos que não mudem, e continuem a nos fazer companhia? [...] Nossa cultura e nossos gostos aparentes na escolha e na disposição desses objetos se explicam em larga medida pelos elos que nos prendem sempre a um grande número da sociedade, sensíveis ou invisíveis (HALBAWCHS, 1990, p. 131- 132).

O sentimento também não pode ser completamente descartado na criação de memórias, já que estes são atuantes principais na importância dada a alguma vivência. Todas as memórias são adquiridas no contexto de um estado emocional específico, esse estado interfere diretamente na retenção de novas lembranças.

As emoções são importantes para o bom funcionamento da memória, já que o cérebro precisa fazer escolhas para se preservar, pois seria insuportável se lembrar de tudo, assim, ele escolhe o que armazenar com base no valor emocional dos eventos.

Por conta disso os edifícios carregam tanta importância, pois sempre apresentaram propostas recreativas que geram reações emocionais consideráveis, como os Bailes do Belvedere e a arte exposta na Bienal.

Um terreno por si só não traz benefícios a cidade, ele pode carregar a simbologia, mas não tem a capacidade de conceder experiências, que são base para a criação de memórias e cenários mentais. Estas só podem ser vividas a partir de um espaço planejado e com convivências sociais, que foram sempre favorecidas na escolha das tipologias de uso das construções.

Quando estamos acostumados com um local e mudamos de ambiente, as imagens e construções sociais trazidas pelo espaço passado afetam a maneira como enxergamos o espaço atual.

Quando saímos de uma galeria de pintura e quando nos deparamos com o cais de um rio, a entrada de um parque, ou animação na rua experimentamos ainda a influência da sociedade dos pintores e vemos as coisas não como são, porém tais como aparecem ao que se dedicam somente a delas reproduzirem imagens (HALBAWACHS, 1990, p. 144).

Portanto, podemos concluir que o MASP se destaca hoje por estar localizado em um ponto estratégico e valorizado, mas ao mesmo tempo, a importância do local só permaneceu porque os edifícios que ocuparam o terreno anteriormente respeitaram a história do lugar. Relembrar o passado, ver as mudanças de um terreno com o passar do tempo e sua notabilidade considerável, só dessa forma consegue-se entender o porquê e como, o edifício atual, o Museu de Arte de São Paulo se tornou o ícone que é hoje. Para visualizar esta mudança, foi criado junto com este trabalho a reconstrução em realidade virtual destes cenários. Esta experiência pode ser visualizada a partir do QR code abaixo.



Figura 12: QR CODE visualização Belvedere, Bienal e MASP

Fonte própria

## REFERÊNCIAS

ANNUNCIOS. **O Estado de São Paulo**, 12/06/1916. Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19160612-13684-nac-0007-999-7-not/busca/belvedere>. Acesso em: 14 ago. 2021.

ARQUIVO PETER SCHEIER. **Instituto Moreira Sales**. Disponível em: <https://ims.com.br/2019/02/03/arquivo-peter-scheier-bienal/>. Acesso em 09 fev. 2022.

BATISTA, Liz. Rainha Elizabeth II inaugurou o prédio do Masp. **O Estado de São Paulo**, 07/11/2018. Disponível em: <http://m.acervo.estadao.com.br/noticias/acervo,rainha-elizabeth-inaugurou-o-predio-do-masp,70002592559,0.htm>. Acesso em 07 jun. 2022.

CASTRO, Rene. Espectaculo. **Folha**, 07/05/1931. Disponível em: <https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=27005&keyword=Trianon&anchor=4517360&origem=busca&originURL=&pd=534ed96e39a72681dc4c1cd76953158e>. Acesso em 28 ago. 2021.

COSTANTI, Francine. Belvedere Trianon: Antes do MASP, casarão oferecia bailes luxuosos. **A vida no centro**, 30/01/2020. Disponível em: <https://avidanocentro.com.br/blogs/belvedere-trianon-antes-do-masp-casarao-oferecia-bailes-luxuosos/>. Acesso em 14 nov. 2021.

COTRIM, Luciana. O belo Belvedere trianon. **Casarões e edifícios**, 26/07/2020. Disponível em: <https://serieavenidapaulista.com.br/2020/07/26/o-belo-belvedere-trianon/>. Acesso em 17 set. 2021.

COTRIM, Luciana. Primeira Bienal aconteceu na Avenida Paulistan. **Casarões e edifícios**, 28/07/2020. Disponível em: <https://serieavenidapaulista.com.br/2020/07/28/primeira-bienal-aconteceu-na-avenidapaulista/>. Acesso em 17 mai. 2022.

FIVE O'CLOCK TEA. **O Estado de São Paulo**, 12/12/1916. Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19161212-13867-nac-0007-999-7-not>. Acesso em 07 ago. 2021.

HALBAWACHS, Maurice. A memória coletiva. São Paulo: **Editores Vértice**, 1990.

HELEN. O velho Trianon e o “triunfo do mal gosto”. **Folha**, 24/01/1950. Disponível em: <https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=24622&keyword=TRIANON&anchor=145373&origem=busca&originURL=&pd=7a0e3bebb5ea0f097aa61168be7ce3>. Acesso em 28 set. 2021.

HERBST, Helió. Pelos salões das bienais, a arquitetura ausente dos manuais: Expressões da arquitetura moderna brasileira expostas nas bienais paulistanas (1951-1959). Disponível em: [https://teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16133/tde-19052010-110614/publico/aHelio\\_TUDO.pdf](https://teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16133/tde-19052010-110614/publico/aHelio_TUDO.pdf). Acesso em 22 mai. 2022.

I BIENAL. **Acervo Bienal**, Disponível em: <<http://www.bienal.org.br/exposicoes/1bienal#secposts>>. Acesso em 08 mai. 2022.

INAUGURAÇÃO, I Bienal de São Paulo. **Folha**, 20/10/1951. Disponível em: <https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=25158&anchor=225551&origem=busca&originURL=>. Acesso em 14 abr. 2022

INITIUM, **Folha**, 12/07/1925. Disponível em: <https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=31457&keyword=Initium&anchor=4529219&origem=busca&originURL=&pd=7f3ecfc52e18e1ec327dadef2da8d528>. Acesso em 14 dez. 2021.

MASP 70 ANOS: Veja fotos históricas da construção e inauguração. **A vida no centro**. 28/01/2018. Disponível em: <https://avidanocentro.com.br/imagens/mas-faz-70-anos-veja-fotos-historicas-da-construcao-e-inauguracao/>. Acesso em 02 mai. 2022.

NORA, Pierre. Entre memória e história: A problemática dos ligares. **Revista projeto história**. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101/8763>. Acessado em 02 ago. 2021.

PISANE, Daniele. O Trianon do MAM ao MASP: Arquitetura e política em São Paulo (1946- 1968). São Paulo: **Editora 34**, 2019.

SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes. Memória, cultura e poder na sociedade do esquecimento. **Revista Acadêmica**, São Paulo, p. 14-18, Disponível em: <<http://www.fics.edu.br/index>>. Acessado em 08 out. 2021.

SOMBRA, Fausto. O pavilhão da I Bienal do MAM SP, Fatos, relatos, historiografia e correlações com o Masp e o antigo Belvedere Trianon. de São Paulo. **Vitruvius**, 17/08/2016. Disponível em: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/17.195/6177>. Acessado em 03 mar. 2022.

VAI SER REFORMADO, O velho prédio do Trianon. **Folha**, São Paulo, 08/05/1951. Disponível em: <https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=37580&keyword=Trianon&anchor=5092967&origem=busca&originURL=&pd=c32ef6927d7137251beef2207fc3a0fc>. Acesso em 08 out. 2021.